

intrínseca

# MAGIA das MARÉS

PASCALE LACELLE

DEUSES AFOGADOS • VOL. 1

# MAGIA das MARÉS

PASCAL LACELLE

TRADUÇÃO DE HELEN PANDOLFI



Copyright © 2023 by Pascale Lacelle  
Copyright da tradução © 2024 by Editora Intrínseca Ltda.  
Publicado mediante acordo com Margaret K. McElderry Books, um selo de Simon  
& Schuster Children's Publishing Division.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e  
estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou  
meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão dos detentores  
do copyright.

TÍTULO ORIGINAL  
Curious Tides

REVISÃO  
Carolina Vaz

PROJETO GRÁFICO ORIGINAL  
Irene Metascatos

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO  
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ARTE DE CAPA  
© 2023 by Signum Noir, imagens adicionais cortesia de iStock

DESIGN DE CAPA  
Greg Stadnyk © 2023 by Simon & Schuster, Inc.

ADAPTAÇÃO DE CAPA  
Lázaro Mendes

MAPAS  
Francesca Baerald

ADAPTAÇÃO DOS MAPAS  
Henrique Diniz

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L133m

Lacelle, Pascale  
Magia das marés / Pascale Lacelle ; tradução Helen Pandolfi. - 1. ed. - Rio de  
Janeiro : Intrínseca, 2024.  
480 p. ; 23 cm. (Deuses afogados ; 1)

Tradução de: Curious tides  
ISBN 978-85-510-1046-4

1. Ficção canadense. I. Pandolfi, Helen. II. Título. III. Série.

24-88604

CDD: 819.13  
CDU: 82-3(71)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2024]  
Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.  
Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303  
22640-904 – Barra da Tijuca  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br

SE ME PERMITEM UM PEQUENO ATO  
DE EGOÍSMO, ESTE AQUI É PARA MIM:

PARA O MEU EU ADOLESCENTE,  
QUE OUSOU SONHAR.

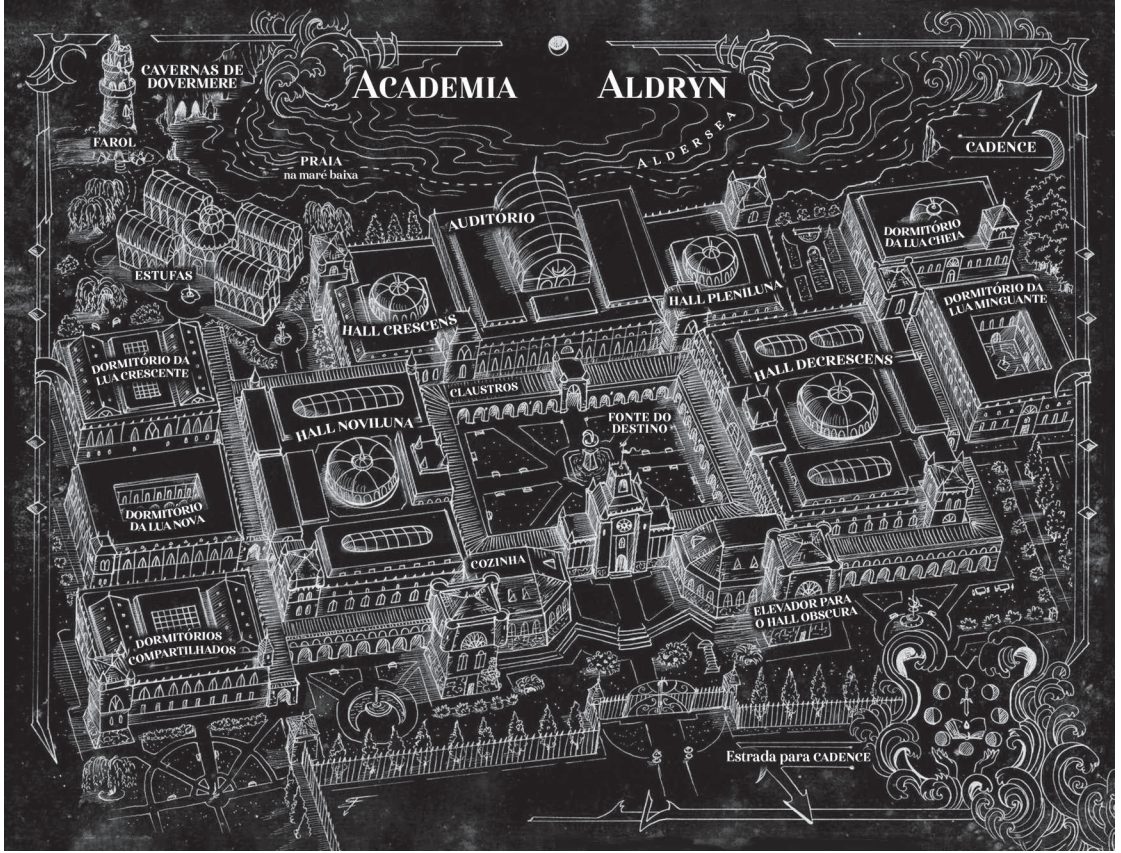
PARA O MEU EU DE VINTE ANOS,  
QUE PERDEU AS ESPERANÇAS.

PARA O MEU EU DE TRINTA ANOS,  
QUE TENTOU OUTRA VEZ – E TRIUNFOU.

ALERTA DE GATILHO

Este livro contém cenas de morte, automutilação, uso de substâncias ilícitas e transtornos mentais.









TERRAS REMOTAS

TREVEL

ALDERSEA

Baía de  
Dovermere

Cavernas

Cadence

Academia  
Aldryn

ELEGY

Threnody

Baía de  
Harebell

TREVELSEA

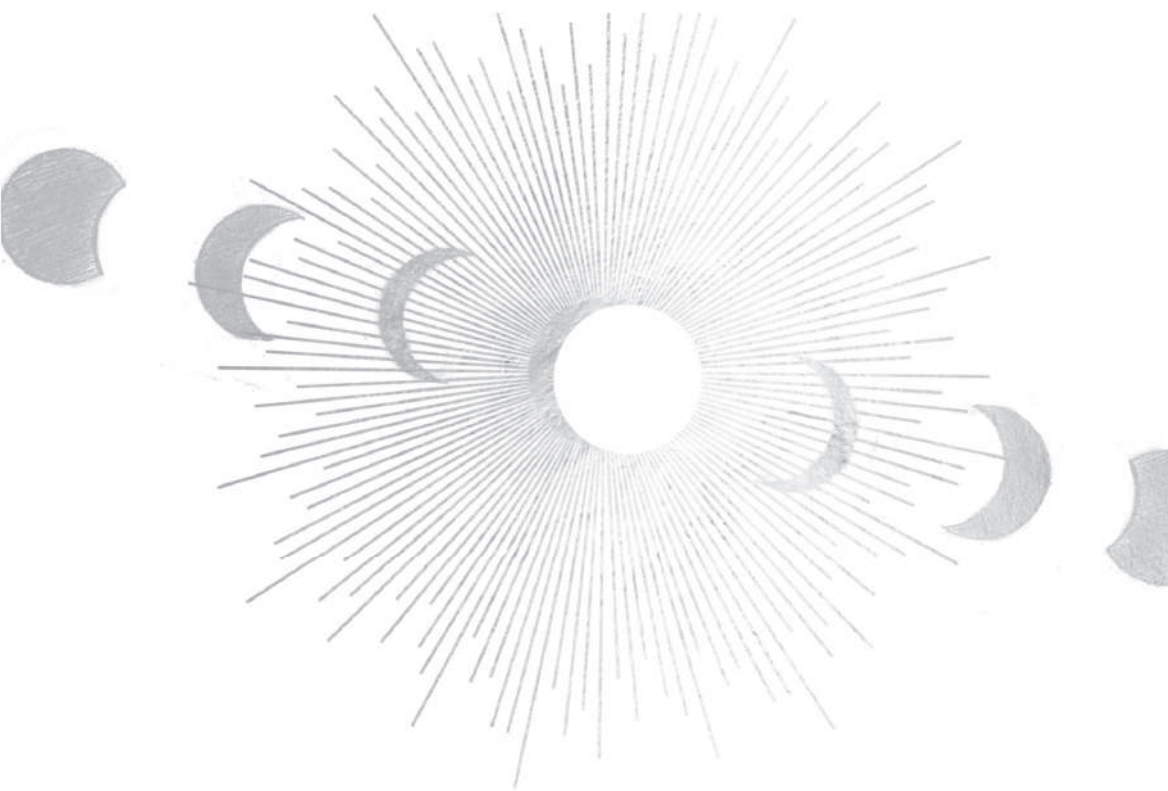
ARQUIPÉLAGO DA CONSTELAÇÃO

LUAGUA

TERRAS REMOTAS







As Casas Lunares  
Sagradas  
*e seus alinhamentos com as marés*





# CASA LUA NOVA

Hall Noviluna



CURANDEIROS (*Maré enchente*)

Habilidade de curar a si mesmos e aos demais

ADIVINHOS (*Maré vazante*)

Dom da profecia e visões mediúnicas

MEDIADORES DO ALÉM (*Maré enchente*)

Habilidade de acessar o além, estar em comunhão com espíritos

PORTADORES DAS TREVAS (*Maré vazante*)

Domínio das trevas





# CASA LUA CRESCENTE

Hall Crescens

---

SEMEADORES (*Maré enchente*)

Habilidade de cultivar e transmutar plantas  
e outros pequenos organismos

ENCANTADORES (*Maré vazante*)

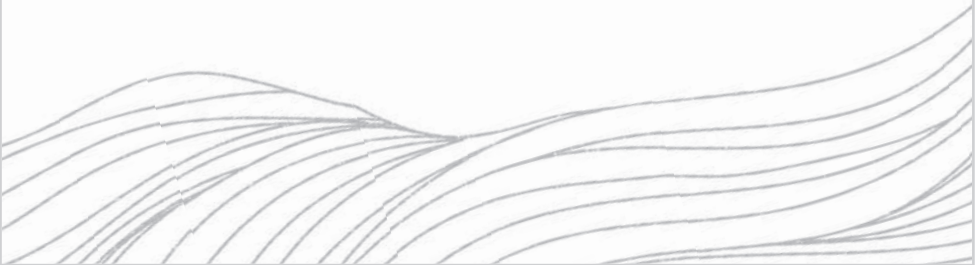
Coerção; carisma e influência sobre os demais

AVIVADORES (*Maré enchente*)

Habilidade de amplificar o alcance e a potência de outras magias

CRIADORES (*Maré vazante*)

Habilidade de materializar coisas





# CASA LUA CHEIA

Hall Pleniluna



AURISTAS (*Maré enchente*)

Manipulação de emoções; empáticos, conseguem ver auras

PROTETORES (*Maré vazante*)

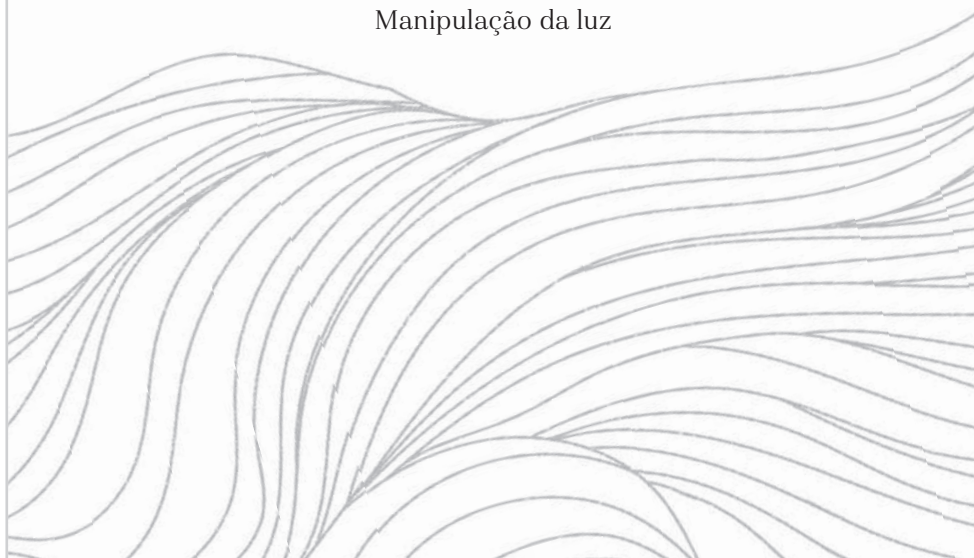
Magia de proteção

PURIFICADORES (*Maré enchente*)

Habilidade de efetuar limpezas e equilibrar energias

GUARDIÕES DA LUZ (*Maré vazante*)

Manipulação da luz







# CASA LUA MINGUANTE

Hall Decrescens

---

## SONHADORES (*Maré enchente*)

Manipulação onírica e acesso ao mundo dos sonhos;  
habilidade de induzir o sono

## DESATADORES (*Maré vazante*)

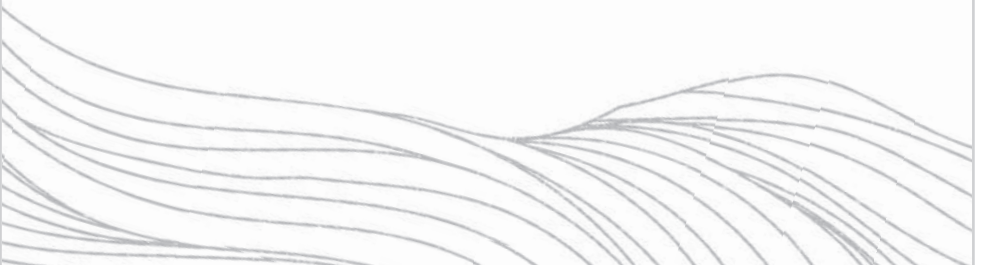
Habilidade de desvendar segredos, decifrar  
enigmas e atravessar proteções e feitiços

## MEMORISTAS (*Maré enchente*)

Habilidade de acessar e manipular lembranças

## CEIFADORES (*Maré vazante*)

Habilidade de ceifar a vida; toque da morte





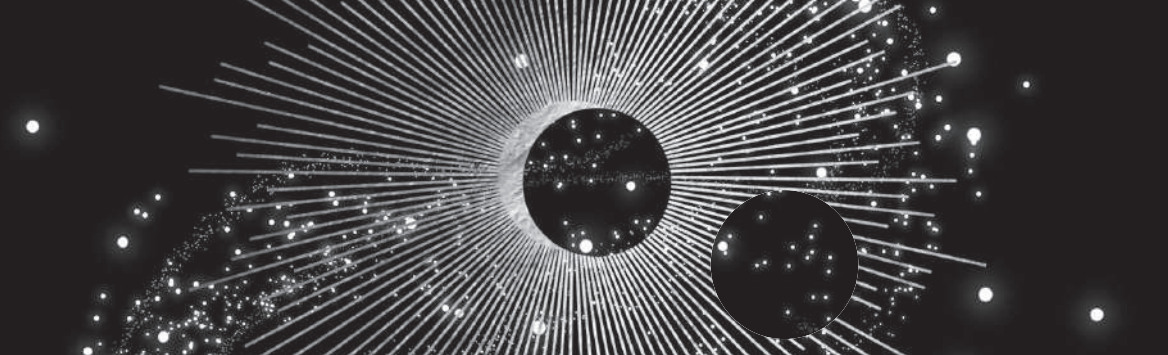
# CASA ECLIPSE

Hall Obscura



Eclipses lunares produzem  
variações das magias lunares

Eclipses solares produzem dons raros  
que vão além das magias lunares conhecidas



## NA PRIMAVERA ANTERIOR

---

Ela estava se afogando em um mar de estrelas.

Emory soube que aquele seria seu fim, sufocada por uma estranha maré. E, por mais egoísta que fosse, a garota torceu para que o que quer que estivesse encostando nela fosse Romie. Não queria morrer sozinha.

Na escuridão em meio às estrelas, ela era confrontada por lembranças que desejava esquecer: a caverna que parecia um útero, os alunos lá dentro, os olhos arregalados de Romie quando o mar invadiu tudo, violento e implacável.

*Vimos da lua e das marés, e para elas retornaremos.*

Mas Emory não estava pronta para morrer.

Ela abraçou aquele pensamento como uma frágil tábua de salvação, suas mãos afundando na areia molhada até encontrarem algo sólido e úmido ao qual se agarrar.

*Emory, Emory,* sussurravam as águas, como se não quisessem deixá-la partir. Mas o mar a libertou aos poucos, conforme ela se arrastava em direção à praia. Quando as ondas recuaram sobre a areia, revelando o formato da âncora que ela carregava, Emory se afastou com um grito preso na garganta.

Era um corpo, com membros retorcidos e quebrados.

Três outros corpos jaziam ao redor, os lábios azuis entreabertos como se gritassem em silêncio. Olhando para aqueles rostos pálidos de olhos vidrados, Emory só conseguiu pensar que nenhum deles era Romie.



E que, se aquilo era a morte, era um castigo cruel que no fim de tudo estivessem separadas.

*A culpa é sua*, pareciam dizer as estrelas no céu.

Emory não teve forças para refutá-las.



CANÇÃO  
DOS DEUSES  
AFOGADOS

PARTE I:  
O ERUDITO NA PRAIA

Há um erudito nestas praias que respira histórias. Ele inspira todo tipo de relato, guarda cada um deles dentro de sua alma e, quando seus pulmões se enchem de palavras, ele finalmente expira, dando o sopro da vida às narrativas. Assim ele se enche e se esvazia de palavras, que viajam para dentro e para fora e para dentro outra vez, em um ritmo compassado como o do mar.

Até que, um belo dia, ele encontra um livro peculiar, que faz até mesmo as marés se desviarem do curso predestinado.

Há um mundo no coração de todas as coisas onde deuses afogados reinam sobre um mar de cinzas, começa o livro. *Mas seu reino é involuntário, pois estão aprisionados nesse mundo sombrio, reduzidos a meras sombras da glória de outrora. Lá, aguardam a possível chegada de heróis que os libertem. Conseguem ouvir o apelo dos deuses? Sua canção é carregada pelo vento, como cinzas que flutuam entre os véus dos mundos. Talvez um pedacinho dela esteja bem aqui, nesta página. Preste atenção. Aguce os ouvidos. O chamado dos deuses afogados ressoa. Você irá atendê-lo?*

A história contada pelo livro fascina o erudito de tal forma que, de repente, ele se vê sob um céu sem cor, sozinho na quietude de uma imensidão de cinzas. O livro continua em suas mãos, a única coisa tangível nesse mundo inexplicável. Antes que ele possa compreender seus arredores, é levado de volta à academia à beira-mar. O livro se transforma em pó, e a memória do universo contido ali dentro começa a se esvaír. O erudito acreditaria que tudo não passara de um sonho se não fosse o gosto de cinzas em sua boca, a fina camada de fuligem em suas roupas e em seu cabelo e a convicção inabalável pulsando em suas veias.

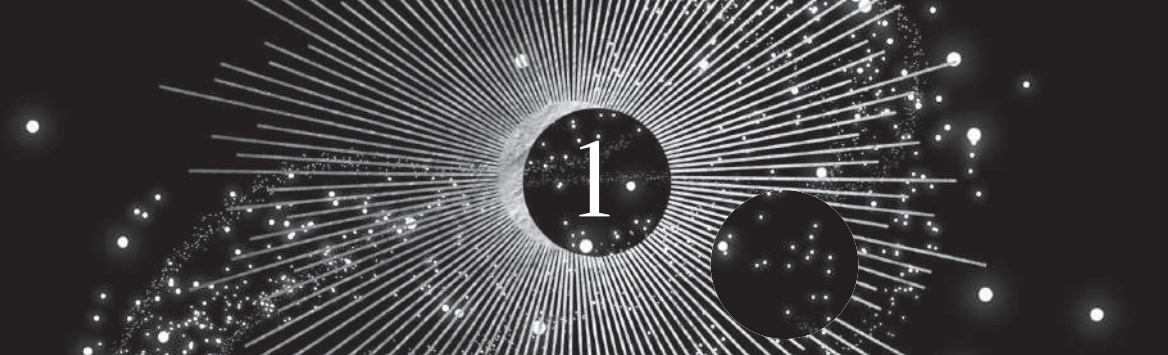


Ele sempre encarou cada história como um marinheiro encara seu navio: um veículo para levar leitores a outras praias, outros mundos. Portais escondidos em páginas.

O homem acabou de encontrar um portal. Não em sentido figurado, nem um produto de sua imaginação, mas um portal de verdade. Ele vislumbrou um mundo além daquelas praias e agora ouve seu eco entre as estrelas. Uma sinfonia de deuses afogados que clamam: *Venha. Procure por nós assim como procuramos por você.*

O erudito atende ao chamado, e assim começa nossa história.





## EMORY

**E**ra o primeiro dia de lua nova e, às margens do Aldersea, a maré estava baixa.

Houve uma época em que isso não significaria nada para Emory Ainsleif, antes da noite em que sua vida dependera desse tipo de detalhe. Desde então, a lua não era apenas uma lua, a maré inspirava terror e, embora estivesse grata pelo sol que brilhava no céu de fim de verão, Emory sentia um embrulho no estômago.

Os edifícios cobertos de hera da Academia Aldryn de Magia Lunar se erguiam à frente, coroando a colina íngreme fincada no mar agitado. Emory cravou as unhas na palma da mão e sentiu o gosto de água salgada na boca, uma sensação-fantasma da qual ainda não conseguira se desvencilhar. Quando uma gota de sangue brotou sob a pressão das unhas, ela fechou os olhos, desfrutando a pontada de dor antes que a magia em suas veias a curasse. Aquela era uma dor banal, quase reconfortante, nada comparado à dor aguda provocada pelas cenas que invadiam sua mente ao ver Aldryn outra vez: uma coluna de rocha banhada em sangue, uma espiral prateada gravada em seu punho, quatro corpos estirados na areia. Essa dor específica ela não conseguia curar, não importava o quanto tentasse.

— Lua Nova, hein?

A garota levou um susto. O motorista a observava pelo retrovisor e apontou com a cabeça para o sigilo da casa lunar que reluzia na pele pálida de Emory. Era um círculo preto adornado com narcisos prateados.

Sentindo-se culpada pelo sangue fresco que o manchava, ela limpou a pele. Ainda assim, não conseguia enxergar nada além de morte naqueles traços delicados.

— Qual é o seu alinhamento de maré? — perguntou o homem.

— Cura — respondeu Emory.

O motorista soltou um assovio, impressionado. Não havia símbolo algum nas mãos que seguravam o volante. Todas as pessoas nasciam com uma gota de magia nas veias e, portanto, eram igualmente aptas a praticá-la. No entanto, apenas aquelas que se mostravam muito competentes ostentavam o sigilo de uma casa lunar e estudavam em instituições como Aldryn.

— Tenho um primo de segundo grau que também é da Lua Nova. Ele é um Mediador do Além e trabalha em um necrotério em Threnody — contou o motorista, reprimindo um arrepio e resmungando baixinho que as pessoas deviam deixar os mortos em paz.

Emory imaginou o comentário mordaz que Romie teria feito. *As pessoas sentem medo daquilo que não entendem*, teria dito a amiga, torcendo o nariz diante de uma mente tão fechada. *Também há beleza na morte*.

Ninguém se atreveria a criticar um Curandeiro cujo toque poderia ser mais eficaz do que qualquer medicamento, mas algumas magias — como a comunicação com espíritos dos Mediadores do Além ou o toque da morte dos Ceifadores — causavam inquietação na maioria das pessoas, especialmente nas com pouca ou nenhuma magia. *Ao contrário de nós, elas não compreendem que a morte faz parte do ciclo sagrado tanto quanto a vida*, teria dito a amiga.

Mas saber disso não tornava a perda de Romie menos dolorosa.

— Chegamos! — anunciou o motorista, assim que o táxi alcançou o topo da colina. — Academia Aldryn.

O corpo de Emory se contraiu quando os pesados portões de ferro se abriram em boas-vindas, rangendo e dividindo ao meio o lema prateado: *Post tenebras lux; iterum atque iterum*.

*Depois da escuridão, a luz. Vez após vez.*

O cascalho fazia barulho sob as rodas do táxi. Emory sentiu uma vontade súbita de pedir ao motorista que desse meia-volta, mas os portões se fecharam atrás deles com um estrondo decisivo. Seu nervosismo se misturou à náusea quando ela viu os familiares degraus de pedra que levavam a um pátio cercado por olmos altos e imponentes.

Assim que o carro parou, Emory deu algumas moedas ao motorista e pegou sua bolsa. Saiu do táxi desejando ter continuado lá dentro para sempre. Ansiava pelo anonimato daquele entrelugar, pela sensação de existir fora do tempo e do espaço, de não ser nada nem ninguém, enquanto percorria o trajeto entre a vida que deixara para trás naquela manhã e a vida que a aguardava em Aldryn... e a pessoa que teria que se tornar ali.

Com o coração martelando no peito, subiu os oito degraus representando as fases da lua: um degrau para a lua nova, três para a crescente, um para a lua cheia e três para a minguante.

Ela hesitou no topo da escada, exatamente como no ano anterior, embora seu nervosismo na época se devesse a entusiasmo, não a medo.

“É isso, finalmente a academia”, dissera Romie no primeiro dia, deslumbrada com a vista do famoso campus. “Aqui vamos poder nos reinventar, ser quem quisermos.” Emory não via a hora de se reinventar, mas não entendia por que Romie — tão fascinante e única, como ela própria sonhava em ser — gostaria de se tornar outra pessoa.

Para Emory, a academia era uma oportunidade de não ser mais vista como tinha sido vista a vida inteira: a garota que veio do meio do nada, que sempre ficava em segundo lugar, que morria de medo de não entrar em Aldryn porque sua magia não era tão especial quanto a da melhor amiga.

Seria um recomeço, a primeira página em branco de um caderno pronto para ser preenchido.

Ela deslizou o dedo pela cicatriz na parte interna do punho, a espiral prateada que começava na base do polegar e ia até as veias azuladas. Seu olhar recaiu sobre a fonte no centro do gramado, onde as Marés do Destino protegiam os nomes dos afogados. *Tarde demais para apagar o que foi escrito em prata e sangue*, pensou ela.

Tarde demais até para ficar ali perdida em pensamentos, pois não havia ninguém no pátio a não ser alguns alunos que passavam apressados. Emory não tinha se dado conta de que seu trem se atrasara tanto. Então a voz da reitora soou vinda do auditório, começando o tradicional discurso de boas-vindas.

A garota soltou um palavrão. Por mais que quisesse ir direto para seu quarto no dormitório, se trancar lá dentro e evitar todo mundo pelo resto do ano letivo, ela tinha um plano. Voltara ao campus por um motivo. E tudo começaria ali.



Ela tentou entrar despercebida na sala escura revestida com painéis de madeira, mas a porta maciça escapou de suas mãos e bateu com um estrondo. Cabeças se viraram em sua direção. As bochechas de Emory coraram. Por uma fração de segundo, ela procurou no mar de rostos a única pessoa que poderia ter tornado aquele momento mais fácil. Ela conseguia imaginar Romie acenando e apontando para o lugar que guardara para Emory. A amiga sempre fora uma âncora em meio à tempestade, até que tudo mudara e a garota que Emory conhecia desde a infância começara a se perder, arrebatada por algo mais sinistro do que a maré que a levava.

Mas Romie não estava ali. Nem o irmão dela. O estômago de Emory se revirou em um misto de alívio e culpa ao notar a ausência dele. Mas, antes que tivesse tempo de analisar a sensação, encontrou uma cadeira vazia e se sentou. De queixo erguido, tentou adotar uma postura corajosa e irreverente, como Romie teria feito em seu lugar. Ainda assim, não conseguia ignorar os olhares furtivos lançados em sua direção nem os murmúrios crescentes.

*Essa é a garota que voltou das cavernas.*

*É a aluna que sobreviveu à Besta.*

*A única que a maré não levou.*

A reitora Fulton pediu silêncio, então prosseguiu:

— Volto a insistir para que os alunos mantenham distância das cavernas de Dovermere. Após os eventos trágicos da última primavera, é necessário reforçar: Dovermere não é segura, as marés são imprevisíveis e, portanto, a região permanece estritamente proibida.

Seus olhos escuros se voltaram para Emory.

— Pedimos que vocês se lembrem daqueles que nos deixaram. Lembrem-se de Quince Travers e Serena Velan, da Casa Lua Nova, e de Dania e Lia Azula, da Casa Lua Crescente. Lembrem-se de Daphné Dioré e Jordyn Briar Burke, da Casa Lua Cheia, e de Harlow Kerr e Romie Brysden, da Casa Lua Minguante. Lembrem-se de seus nomes. E vamos honrá-los garantindo que mais nenhum aluno tenha o mesmo destino. Não há nenhuma glória esperando por vocês naquelas cavernas. Ali, não há nada além de morte.

Quando os alunos voltaram a encará-la, Emory afundou as unhas na pele outra vez. Sentiu os olhos arderem com lágrimas, mas se recusou a chorar. Foram meses se preparando para aquele momento, torcendo

para que a poeira tivesse baixado durante as férias, para que o choque da tragédia tivesse se atenuado e os alunos de Aldryn tivessem se esquecido do ocorrido, como ela tão desesperadamente vinha tentando fazer.

Oito colegas morreram, e Emory era a única que restava.

Ela tinha a impressão de que as imagens que ardiavam em sua mente podiam ser vistas por todos no auditório: nove calouros em círculo ao redor de uma coluna de rocha, com os punhos ensanguentados e uma marca em espiral na pele, emitindo um brilho prateado no escuro. O som da maré subindo antes do que deveria, a morte ávida por tomar o que era seu. O mar, as estrelas e o nome dela sussurrado em seu ouvido.

Corpos na areia.

Emory tinha sido muito ingênua em acreditar que algo assim seria esquecido rapidamente.

A reitora continuou seu discurso, mas a garota não ouviu uma palavra sequer. Foi só quando os alunos pararam de encará-la que Emory soltou um suspiro, relaxando lentamente os punhos cerrados. Havia sangue sob suas unhas e na palma das mãos, mas as feridas já saravam sozinhas. Bastava um pensamento para que sua magia de cura respondesse à atração da lua nova que a governava. Ela se concentrou naquele pequeno alívio enquanto a pressão em suas veias diminuía. Emory sentira aquela pressão inexplicável durante as férias: era como uma coceira que se intensificava até se transformar em um pulsar doloroso, a menos que ela sangrasse.

Ela olhou para as janelas atrás da reitora, atenta à brisa que entrava pelos vidros abertos. Jurou ter ouvido um sussurro, um chamado do mar, querendo abraçá-la novamente e puxá-la para baixo, cada vez mais fundo em direção às Profundezas...

Foi então que Emory o viu em sua visão periférica. Estava sentado a algumas fileiras de distância, observando-a por cima do ombro, formando uma barreira entre ela e o mar além. A luz incidia sobre metade de seu rosto, escondendo a outra metade nas sombras. Aquele olhar fixo a despertou de seus devaneios e fez com que todo o auditório mergulhasse em silêncio. Emory o reconheceu imediatamente, com seus traços bonitos e seus cílios grossos: a primeira pessoa que ela tinha visto depois de acordar ao lado dos corpos machucados e inchados.

“Você está viva”, Emory se lembrava de ouvi-lo dizer, a voz quase abafada pelas ondas. “Você está bem.” Ela havia se agarrado àquelas

palavras como se fossem um bote salva-vidas, a única coisa impedindo-a de afundar.

Keiran Dunhall Thornby era a personificação exata de sua casa lunar. Tinha a luz intensa de uma lua cheia, repleta de potencial, e sua mera presença afastara toda a escuridão. Ele a encarava com fervor, como se quisesse se certificar de que ela continuava viva. Todos ao redor pareciam ter desaparecido e, por um segundo, foi como se os dois estivessem de volta na praia, tremendo em meio aos horrores daquela noite sem lua.

Num piscar de olhos, ele se virou, e o momento se dissolveu como espuma na areia.

Emory tocou a espiral em seu punho, temendo que a marca começasse a emitir o mesmo brilho prateado de quando apareceu na sua pele, por meio da magia antiga e obscura que residia em Dovermere. Ela se lembrou de como Keiran agarrara seu braço naquela noite, franzindo o cenho para a espiral recém-gravada. Ele tinha uma marca idêntica na própria pele.

Aquilo a assombrara durante o verão. Era impossível que Keiran tivesse sido marcado com o mesmo símbolo porque ele não estivera nas cavernas naquela noite, não participara do ritual. No entanto, ele a encontrara na praia no meio da madrugada. Quase como se estivesse esperando por Emory ou por qualquer um que sáísse vivo daquelas cavernas.

Ele sabia algo sobre o que acontecera em Dovermere, Emory tinha certeza disso. Aquela era a única razão pela qual a garota voltara a Aldryn, a única coisa que a tirou do oceano de tristeza em que se afogava. E ela não descansaria até encontrar respostas.

— ... e desejo a todos um semestre brilhante. Muito obrigada.

As palavras de encerramento da reitora trouxeram Emory de volta ao presente. Os alunos já se levantavam das cadeiras, conversando alegremente, trocando apertos de mão e tapinhas nas costas, compartilhando anedotas sobre as férias. Ela se sentia alheia a tudo aquilo.

Com o olhar fixo em Keiran, Emory se preparou para o que precisava fazer. Seus pensamentos corriam a mil por hora e seu coração martelava no peito enquanto ela listava mentalmente tudo o que queria perguntar a ele. *É só ir até lá*, disse a si mesma. *Simples assim*. Mas nada daquilo era simples. Sem Romie por perto, cabia a Emory ser corajosa, algo quase impensável para uma pessoa tão tímida.

Enquanto ela se aproximava, o olhar de Keiran encontrou o seu. A garota sentiu as mãos suando, mas manteve os passos firmes, cerrando

os punhos na tentativa de controlar os nervos. De repente, um grupo de alunos se aproximou e roubou a atenção de Keiran. Emory parou onde estava.

Frustrada, ela viu Keiran receber um beijo na bochecha de uma garota bonita de cabelos ruivos e trocar apertos de mão entusiasmados com outros garotos, abrindo um sorriso que exibia suas covinhas. Ele era tão carismático e parecia tão à vontade que foi difícil conciliar aquela cena com a imagem do garoto ensopado que existia na mente de Emory.

Em meio ao burburinho, a garota teve a impressão de ouvir seu nome. Quando se virou, viu Penelope West acenando do outro lado do auditório. A garota era uma das poucas amigas de Emory na academia, uma colega da Lua Nova com quem tinha a maioria das aulas. Ela gostava de Penelope, mas, de repente, a ideia de interagir com a menina efusiva e tagarela — ou com qualquer um, na verdade — parecia insuportável.

A conversa com Keiran teria que esperar.

Antes que Penelope pudesse alcançá-la, Emory escapuliu do auditório para ir se refugiar no dormitório.

O sol do meio-dia brilhava no céu, e feixes de luz passavam por entre as colunas dos claustros e iluminavam o pátio. Emory cruzou o gramado e reduziu a velocidade ao se aproximar da fonte, onde as Marés do Destino — Bruma, Anima, Aestas e Quies — projetavam sombras compridas no chão. As quatro divindades que governavam as casas lunares se erguiam em um círculo, de costas umas para as outras, na ordem correta do ciclo que representavam: a jovem Bruma da Lua Nova, a belíssima Anima da Lua Crescente, a maternal Aestas da Lua Cheia e a sábia anciã Quies da Lua Minguante. De forma acertada, a luz do sol tocava apenas Anima e Aestas, enquanto as outras duas permaneciam nas sombras.

Cada Maré estava virada para um dos caminhos que levavam aos quatro halls acadêmicos. O Hall Noviluna tinha portas pintadas de preto, como o céu durante a lua nova, que concedia aos membros da casa de Emory seus poderes de cura e adivinhação. O Hall Crescens era sempre vibrante, e a ele pertenciam os alunos nascidos durante a lua crescente, cuja magia estava atrelada ao crescimento, amplificação e manifestação. O Hall Pleniluna, majestoso e imponente, era daqueles que tinham os poderes da lua cheia, atrelados à luz, proteção, pureza e diligência. O Hall Decrescens, da lua minguante, era tão misterioso e sombrio quanto

seus alunos, que lidavam com segredos e sonhos, memórias e morte — e fora a casa de Romie quando ela ainda estava viva.

Havia um quinto hall, mas nenhuma Maré zelava pela Casa Eclipse e nenhum caminho levava até sua porta discreta, quase escondida.

Emory parou diante da fonte e tocou a água sagrada, que acreditava-se ter sido abençoada pelas próprias Marés. A água vinha das cavernas míticas de Dovermere, e aquele era um dos motivos que levaram os fundadores de Aldryn a construírem a academia bem ali. Os alunos eram expressamente proibidos de pegar água da fonte, sobretudo para usá-la em práticas de sangria (uma maneira de acessar sua magia fora da fase lunar dominante, quando seus poderes permaneciam adormecidos). Ainda assim, tocar aquela água deveria trazer uma sensação de fortalecimento.

Mas não trouxe.

Emory observou as flores delicadas flutuando na superfície, duas para cada casa lunar: narcisos pretos, malvas-rosa azuis, orquídeas brancas e papoulas arroxeadas. Oito flores, uma para cada nome que havia sido gravado nas plaquetas de prata aos pés das Marés, almas entregues a seus cuidados para que fossem veladas nas Profundezas.

Um nome e uma flor para cada aluno levado pelo mar.

De repente, as flores se transformaram em corpos encurralados em uma caverna cercada pelo mar cruel. Emory se afastou da fonte no exato momento em que a porta da Casa Eclipse se abriu.

A pessoa que apareceu a fez estremecer.

Basil Brysden era alto, com pernas e braços compridos. Seus cabelos desgrenhados caíam em cachos até a altura do queixo. Ele vestia uma camisa mal abotoada e segurava uma pilha de livros contra o peito. Mantinha a cabeça baixa, como se quisesse parecer menor, ou talvez se tornar invisível. Baz conseguira isso havia muito tempo: ele era um fantasma, um eremita, uma figura sobre a qual se sussurrava nos cantos mais secretos da academia.

*O Cronomago.*

A manipulação do tempo era uma magia extremamente rara, mesmo entre aqueles nascidos no eclipse.

Baz se virou e avistou Emory perto da fonte. Se não fosse pelos óculos de armação grossa, a garota poderia jurar que aqueles olhos castanhos eram de Romie. Os irmãos tinham a mesma pele pálida e sardenta, as



mesmas orelhas salientes. Mas não existia em Baz o espírito travesso da irmã, nem o olhar sonhador e distante que sempre enfurecia os professores. Ele também não possuía a faísca de curiosidade que se transformara num incêndio incontrollável e consumira tudo o que Romie tinha sido e poderia ter se tornado um dia. Os olhos de Baz não eram desafiadores como os da irmã, apenas tímidos e incertos.

— Emory — cumprimentou Baz, sem jeito.

O garoto parecia prestes a sair correndo para evitar aquela conversa. Emory entenderia se ele o fizesse.

— Você perdeu o discurso de boas-vindas — comentou ela, apenas para preencher o silêncio.

Apenas para abafar a culpa sufocante, porque o rosto de Romie pairava em sua mente, mas não o rosto de quando a amiga estava viva, e sim a feição cadavérica e rígida nos momentos fatídicos antes de o mar levá-la, quando Emory a viu pela última vez.

A garota mal conseguia imaginar o ressentimento que Baz devia guardar por ela ter sobrevivido ao que matara sua irmã.

Ele olhou para o auditório. Risos vinham daquela direção conforme os alunos se espalhavam pelo pátio.

— É, acho que sim — concordou Baz.

Analisando a expressão do garoto, Emory não soube ao certo se ele se ausentara de propósito ou se tinha se esquecido completamente do evento. Ela notou a tensão em seu rosto e se perguntou quando tinha sido a última vez que Baz sorriu. Emory se lembrava do riso fácil dele quando criança, numa época tão distante que parecia ter sido outra vida. Quando ela, Romie e Baz estudavam juntos em um colégio interno e saíam escondidos para correr descalços nos campos de flores silvestres, tão livres e despreocupados quanto as gaivotas que perseguiram até a praia.

Baz ajustou os livros nos braços e perguntou:

— Como você está? Como andam as coisas?

— Tudo bem — respondeu Emory, engolindo o nó na garganta e forçando um sorriso.

Ela avistou Keiran e seu grupo de amigos passando pelo claustro mais próximo. A brisa carregou as palavras deles até Emory: conversavam sobre ir até a praia para aproveitar as fogueiras de início do semestre. Embora a atenção de Keiran estivesse voltada para os amigos, Emory teve

a nítida impressão de que ele estivera olhando para ela apenas um momento antes.

— Sentimos sua falta no funeral.

Ela se voltou para Baz imediatamente. Não havia rancor nem reprovação em sua voz, o que deixava tudo ainda pior. Se ele soubesse a verdade, se soubesse o que realmente acontecera nas cavernas, Emory não teria sido bem-vinda no funeral.

Suas bochechas ficaram vermelhas, e ela tentou pensar em uma desculpa, mas a verdade era que não tinha nenhuma. Ela pretendia ir ao funeral, tinha dito isso a Baz quando ele a convidou logo antes de ir embora de Aldryn após o período letivo anterior. Mas encontrar a mãe de Romie, mentir para Baz sobre o que acontecera, se despedir de sua melhor amiga enquanto ela mesma continuaria a viver... Emory não conseguira fazer nada disso. E, naquele momento, não conseguia suportar o olhar compreensivo de Baz e a culpa que a devorava por dentro. Sabia que o garoto devia ter muitas perguntas, mas ela não podia responder nenhuma.

— Desculpa — murmurou Emory, desviando o olhar. — Eu... tenho que ir. A gente se vê por aí?

Baz abraçou os livros com mais força e baixou os ombros, em sinal de alívio ou talvez de decepção. Ela não soube dizer ao certo, porque saiu correndo.

Chegar ao antigo dormitório foi como atravessar o oceano. Os alojamentos dos alunos do primeiro e do segundo ano ficavam no canto do campus, em um prédio simples de pedra coberto por heras. Lá, alunos de todas as casas eram divididos em quartos, sem levar em conta o sigilo gravado em sua pele. Somente no terceiro ano em Aldryn eles se mudavam para os alojamentos de suas respectivas casas lunares.

Emory se atrapalhou algumas vezes com a chave, mas a fechadura do seu quarto enfim se abriu. Ela entrou depressa, recostando-se na porta. Então soltou um suspiro profundo, grata pelo silêncio.

Ao observar o quarto, sentiu uma pontada no peito.

De um lado, sua cama estreita de metal estava exatamente como ela a deixara antes de ir embora, os lençóis e cobertores escuros perfeitamente arrumados sobre o colchão. Havia o grande armário de mogno onde suas roupas ficaram esquecidas e uma pequena escrivaninha no canto, abarrotada de livros e canetas-tinteiro. Tudo permanecia intocado pelo

tempo, como se os últimos quatro meses nunca tivessem acontecido. Como se Emory não tivesse ido embora e tudo ainda fosse como antes.

Mas não era, porque o outro lado do quarto, o lado de Romie, estava vazio.

A cama continuava lá, o armário e a escrivaninha também, mas os pertences da amiga — as decorações que não combinavam muito bem, os livros obscuros, as pilhas bagunçadas de roupas, as plantas raras e espinhosas, as xícaras de chá esquecidas e os pratos cheios de migalhas... Todas aquelas coisas haviam desaparecido, levadas como a maré levava a própria Romie.

Não restara vestígio algum, mas Emory pensou na amiga mesmo assim, lembrando-se da última vez que haviam estado juntas ali.

Naquele dia, Romie estava debruçada sobre a escrivaninha, iluminada por um raio de sol, seus cabelos na altura dos ombros brilhando como cobre. Quando Emory entrara no quarto, a amiga se sobressaltara e esbarrara em uma xícara, derrubando chá por toda a mesa.

“Pelas Marés, você quer me matar de susto?”, perguntara Romie, irritada, endireitando a xícara.

O gato em seu colo tinha pulado para o chão com um miado enfezado e ido se empoleirar no parapeito da janela. Romie encontrara Penumbra nas dependências de Aldryn durante a primeira semana do ano letivo e o acolhera, apesar de animais de estimação serem proibidos nos dormitórios.

“Bom, é lua nova... Seria interessante testar minhas habilidades de cura em uma cobaia viva”, brincara Emory, deixando os livros que trazia em cima de sua escrivaninha.

Romie não estava no clima para piadinhas. Aborrecida, ela tentara secar o chá derramado na mesa, posicionando-se na frente dos papéis bagunçados para bloquear a visão de Emory.

“Com o que você está tão ocupada a ponto de não aparecer para jantar comigo? Tive que ficar ouvindo Penelope falar sobre magia das trevas, parecia que nunca ia acabar”, reclamara Emory, tentando manter um tom descontraído, mas sem conseguir esconder o ressentimento na voz.

Romie vinha agindo de forma estranha: vivia se esquecendo dos planos que as duas tinham juntas e estava retraída e reservada como nunca. Na verdade, Emory notara uma mudança nela desde o momento em que chegaram à Aldryn. Porém, no começo, não quisera acreditar, culpando

a carga de estudos e os horários desencontrados pela fenda que se abria entre elas. As duas se conheciam desde os dez anos de idade e sempre compartilharam *tudo*, mas algo havia mudado. Emory tinha medo de descobrir o que estava acontecendo, medo de perder sua única amiga de verdade.

“Só estou fazendo umas pesquisas”, respondera Romie, distraída, pegando os papéis sujos de chá e os enfiando dentro da mochila.

Emory dera uma olhada nas roupas amarrotadas da amiga e em sua cama bagunçada.

“Você dormiu a tarde toda?”

“Eu estava estudando. Sabe como é, coisa de Sonhadores.”

*Coisa de Sonhadores*. Era o que Romie falava havia meses para explicar o tempo que passava no mundo dos sonhos, como se isso não a estivesse consumindo, exaurindo sua energia radiante.

“Não dá para continuar assim, Ro. Você está matando aula, passando tempo demais nos sonhos. Não é saudável.”

“Eu estou ótima.”

“Consigo ver suas olheiras.”

“Você não entende.”

Romie colocara a mochila nos ombros e se encaminhara para a porta. Emory tinha entrado em alerta ao ver a mão da amiga na maçaneta, como se soubesse que, caso Romie saísse do quarto naquele momento, a fenda entre elas se transformaria em um precipício intransponível.

“Ro, estou falando sério. Está tudo bem mesmo?”

Romie relaxara os ombros. Então, tinha se virado para Emory, os lábios curvados em um sorriso familiar, os olhos dourados sob a luz do sol. Emory chegara a pensar que talvez estivesse exagerando, que talvez tudo pudesse voltar a ser como antes.

“Está tudo bem, Em”, prometera Romie.

Ela continuara parada ali por um momento e, embora seu sorriso não tivesse diminuído, uma sombra de hesitação havia escurecido seu semblante. Emory imaginara que a amiga estivesse prestes a falar a verdade, a finalmente revelar os segredos que a corroíam, mas Romie simplesmente abrira a porta e dissera:

“Nos falamos depois.”

Assim que a porta se fechara, Emory tinha se voltado para a escrivaninha de Romie, curiosa e preocupada demais para deixar aquilo para

lá. Esquecido sob um frasco de água salgada, havia um pedaço de papel manchado de chá, cuidadosamente queimado nas bordas, onde lia-se O.S. No verso, as palavras *Baía de Dovermere*, 22h estavam escritas em letras prateadas.

Ela colocara o bilhete de volta no lugar, tomada por uma onda de pavor que invadira sua boca com gosto de cinzas. Os alunos evitavam a baía devido à sombra escura que as infames cavernas lançavam sobre a região. A primeira coisa que os calouros ouviam ao chegar à Aldryn eram as histórias dos afogamentos ocorridos ali ao longo dos anos. É claro que sempre havia alunos inconsequentes que se aventuravam nas cavernas para impressionar os colegas, mas Emory não acreditava que Romie seria imprudente àquele ponto. No entanto, quando o relógio se aproximara das dez da noite e Romie ainda não tinha voltado para o quarto, Emory entrara em pânico. Ela analisara o bilhete outra vez, se perguntando o que era O.S. e se isso tinha algo a ver com o novo comportamento de Romie.

Quando o pressentimento se tornara impossível de ignorar, Emory havia guardado o bilhete no bolso e descido até a Baía de Dovermere a tempo de ver Romie e sete outros alunos entrarem nas cavernas onde encontrariam a morte.

Emory afastou as lembranças assombrosas daquela noite. O quarto de repente pareceu muito pequeno e abafado. Ela foi depressa para o vitral que ficava entre as camas e escancarou a janela, deixando a brisa entrar e acariciar seu rosto. Emory respirou fundo, enchendo os pulmões de ar, e o pânico foi diminuindo lentamente.

Com a testa pressionada no batente da janela, ela xingou baixinho.

Talvez o retorno para Aldryn tivesse sido um erro. Durante as férias, ela havia conseguido fingir que aquela noite terrível nas cavernas nunca acontecera. Ela havia conseguido olhar para o Aldersea sem sentir o peso esmagador da culpa sobre os ombros. Porque, embora seu lar e Aldryn fizessem fronteira com o mesmo mar, não compartilhavam a mesma costa nem as lembranças sofridas de escuridão e afogamento. Mas, ao olhar para a metade vazia do quarto que fora de sua melhor amiga, Emory só conseguia enxergar tudo que poderia ter feito diferente.

Se ela tivesse dito algo que impedisse Romie de sair por aquela porta... Se não tivesse ido atrás dela... Se não tivesse entrado nas cavernas... Se tivesse sido mais rápida, mais *poderosa* a ponto de salvar todos, de curá-los como ela havia curado a si mesma...



Se não tivesse voltado para Aldryn, ela não teria que se perguntar nada disso nem enfrentar aquela culpa sufocante. Poderia simplesmente se desligar de tudo.

Mas, durante as férias, Emory tentara ficar entocada no quarto, ignorando a tudo e a todos, até que a visão da marca em seu punho, os pesadelos com os acontecimentos daquela noite e a sensação de *incômodo* em seu sangue a tiraram de seu estupor e ela soube que não tinha escolha. Precisava retornar, descobrir por que aqueles alunos foram até as cavernas e garantir que ninguém mais tivesse o mesmo fim.

Era o que Romie teria feito se os papéis estivessem invertidos.

O leve indício de uma voz entrou pela janela, ou talvez fosse apenas a brisa. Lá embaixo, no pátio, Emory avistou Keiran perto da fonte. A sensação-fantasma de seu olhar intenso sobre ela permanecia, e a lembrança eriçou os pelos de sua nuca.

*Você está viva. Você está bem.*

Ela fechou a janela no mesmo instante, mergulhando o quarto em silêncio outra vez. Depois foi até o guarda-roupa.

Ela iria às fogueiras.



## BAZ

---

Não era raro Baz Brysden perder a noção do tempo, o que era irônico, dada a natureza de sua magia. Bastava um livro fisgá-lo para se esquecer de comer, de dormir e de existir como um todo. Nada o deixava mais feliz do que bibliotecas, e a Academia Aldryn tinha muitas opções para satisfazê-lo. Quatro, mais precisamente: uma biblioteca para cada uma das quatro casas lunares. Havia também a pequena coleção de livros mantida no Hall Obscura, lar dos alunos da Casa Eclipse. No entanto, Baz tinha a convicção de que algumas prateleiras com calhamaços empoeirados dentro de uma sala de aula mal aproveitada não constituíam uma biblioteca, ainda que fosse um lugar bastante silencioso para se estudar. Mais silencioso recentemente, com a ausência de Kai.

E havia também a Cripta, o coração de todo o conhecimento, escondida no subterrâneo de Aldryn, bem na junção das quatro bibliotecas. Lá se encontravam alguns dos textos mais antigos e valiosos do mundo, protegidos contra ladrões, visitantes indesejados e a implacável passagem do tempo. Apenas alguns professores e alunos tinham acesso ao lugar, e somente com autorização prévia da reitora.

Baz estava em Aldryn havia três longos anos e ainda não colocara os pés na Cripta, apesar de auxiliar a professora Selandyn com pesquisas que frequentemente exigiam a leitura de textos que se encontravam lá dentro. Mas a professora era peculiar quando se tratava de seus livros e de seu trabalho. Ela era omnilinguista, uma faceta da magia desatadora que permitia que ela compreendesse e falasse qualquer idioma — uma

habilidade benigna, o que era incomum na magia do eclipse, e que lhe rendia grande respeito e prestígio.

Ela confiava implicitamente em Baz ao tê-lo como seu assistente, mas nunca o deixava fazer mais do que resolver pendências e transcrever na máquina de escrever as anotações que ela tomava à mão. Era uma tarefa quase impossível, visto que a caligrafia dela era praticamente ilegível, mas o garoto aprendera a desempenhá-la.

No entanto, aquele dia foi diferente. A professora Selandyn precisava de um livro para sua pesquisa mais recente — sobre a mitologia acerca do desaparecimento das Marés — e mandara Baz buscá-lo na Cripta.

“É seu último ano de graduação”, dissera ela para o assistente, que estava na sala dela pela manhã em vez de no auditório. “Está na hora de começar a ter mais responsabilidades se quer mesmo se tornar professor.”

Baz ouviu o recado no silêncio que se seguiu e enxergou a verdade na tristeza que ela usava como um manto: com a ausência de Kai, e sendo ele próprio o único sob sua tutela, a professora Selandyn já não estava mais tão entusiasmada com o magistério. Ele provavelmente conduziria seus estudos por conta própria naquele ano, enquanto ela ficava no escritório com seus livros, suas pesquisas e quantidades abundantes de chá.

A recepcionista da Cripta era uma aluna vagamente familiar. A tatuagem prateada em sua mão, uma lua crescente entrelaçada com malvas-rosa azuis, contrastava com a pele marrom. Ela segurava um livro que Baz conhecia muito bem: uma das edições mais recentes de *Canção dos deuses afogados*. O garoto ficou animado. Ele não gostava de perder tempo com conversas triviais — ou com qualquer interação social, como Romie sempre reclamava, insistindo incansavelmente para que o irmão se interessasse por qualquer coisa além de livros —, mas já que ele seria obrigado a falar com alguém, que fosse sobre esse assunto.

— Já está na parte em que o erudito encontra outros mundos? — perguntou ele.

A moça sorriu e fechou o livro.

— Só o mar de cinzas, mas estou quase chegando no trecho em que ele encontra Wychwood.

— *A caixa torácica que protege o coração do mundo* — recitou Baz. A garota levou a mão ao peito em um gesto teatral.

— Minha parte favorita — disse ela, com um sorriso melancólico.

Baz coçou a nuca, sem conseguir pensar em mais palavras para continuar a conversa. Atrás da recepção, embutida na parede de pedras rústicas, havia uma porta prateada e imponente, forjada com padrões intrincados de ondas espumosas e com as imagens das Marés do Destino. Elas eram as guardiãs perfeitas para o que estava ali dentro.

— Trouxe a autorização? — perguntou a garota.

Baz colocou sua pilha de livros no balcão e pegou o precioso papel na bolsa, sentindo os dedos formigarem de empolgação.

O olhar da recepcionista pousou sobre a mão estendida de Baz. Sua expressão amigável desapareceu assim que percebeu o sigilo gravado na pele dele.

Baz achava que a insígnia do eclipse era a mais marcante de todas: uma lua escura eclipsando um girassol dourado, com pétalas cuidadosamente detalhadas. No entanto, aquela imagem era enganosa, pois nada na Casa Eclipse era delicado ou particularmente bonito. Muito menos aos olhos dos outros alunos.

O sorriso da garota murchou ao reconhecer aquele símbolo.

Baz, por sua vez, se esforçou para continuar sorridente.

— A reitora Fulton assinou hoje de manhã — disse ele, ainda segurando o papel.

Cada segundo passado com o braço estendido parecia ser mais um golpe na armadura ao redor do seu coração. Ele já estava acostumado com o mal-estar que se espalhava quando as pessoas percebiam quem ele era. *O que* ele era. Mas nunca deixou de doer. E, depois de Emory agir como se tivesse medo de estar em sua presença ao encontrá-lo no pátio, a ferida estava mais aberta do que nunca.

Baz se lembrava da época em que Emory ficava encantada com tudo relacionado à Casa Eclipse, em que ela não o olhava da mesma forma que as outras pessoas, como se o garoto fosse uma bomba-relógio prestes a explodir. Ela fizera Baz acreditar que era muito mais do que sua magia. Pelas Marés, por causa de Emory, ele chegou até a *gostar* de sua magia. Mas agora aquele sentimento se tornara tão estranho para ele quanto o princípio de amizade que tivera com ela, ambos reduzidos a pó.

A garota por fim pegou a autorização e a leu com atenção. Em seguida, escreveu alguma coisa no livro de registros no balcão. O silêncio ecoava entre eles. Se não fosse tão cuidadoso, Baz poderia ter voltado no tempo, retrocedido poucos minutos até antes de mostrar a mão com

aquele sigilo amaldiçoado que sempre fazia as pessoas o tratarem diferente. Mas o tempo avançou com lentidão, até que, para seu alívio, a garota vasculhou uma gaveta e entregou e ele um delicado bracelete de prata.

— É um protocolo especial para os alunos da Casa Eclipse — explicou ela, um pouco envergonhada. — Caso você... — Ela fez um gesto vago com a mão. — Você sabe.

Não era difícil adivinhar o que ela queria dizer: caso a magia dele saísse do controle e provocasse o Colapso, uma implosão horrível de si mesmo que acontecia quando os nascidos no eclipse não conseguiam conter a própria magia.

— Claro.

Baz pegou o objeto mágico, tentando reprimir o rubor que subia por seu pescoço.

O bracelete era mais simbólico do que útil, uma mera demonstração de boa vontade e cooperação, já que ele poderia tirá-lo facilmente. Baz não se incomodava de usá-lo — afinal, era um grande defensor e seguidor de regras. Mas, nas raras ocasiões em que era obrigado a fazê-lo, ficava pensando que aqueles braceletes eram *feitos* com a magia do eclipse: prata imbuída com o poder dos Nulificadores, um dos dons mais comuns entre os nascidos no eclipse. E aquela mesma magia era usada nas pessoas que entravam em Colapso — *marcada* na pele delas para selar permanentemente sua magia. A ironia o deixava com vontade de vomitar.

— Desculpa — murmurou a garota. — É uma precaução necessária.

Baz sentiu vontade de desaparecer para sempre.

Mas parte dele entendia. A magia do eclipse era instável, imprevisível. Em nada se comparava com a magia estruturada e limitada praticada pelas outras casas. E se ele sofresse o Colapso na presença de livros valiosos como aqueles...

De fato, era uma precaução necessária.

Baz apertou a trava em torno de seu punho enquanto a funcionária balbuciava mais um pedido de desculpas.

— Tudo bem — disse ele.

“Tudo bem”, dissera Emory no pátio, embora parecesse longe de ser verdade. Exaustão e tristeza estavam estampadas em seu rosto pálido. Baz teve dificuldade para associar aquela garota à que habitava suas

lembranças: com seus olhos azuis franzidos em riso, cabelos esvoaçantes como fios de ouro, enquanto ela corria à frente dele quando eram mais novos, ambos tentando alcançar a irmã. Era como se a parte mais radiante dela tivesse se afogado na primavera anterior e jazesse nas profundezas de Dovermere, junto com Romie.

A forma como ela minimizou a própria ausência no funeral de Romie, como se tivesse deixado de comparecer a algo corriqueiro, como um grupo de estudos ou um encontro para um café...

Baz tentou não se aborrecer com isso. Ele nem conseguia imaginar a severidade do trauma que ela estava enfrentando. Se estivesse no lugar de Emory, provavelmente também não teria tido forças para ir ao funeral. Ele próprio tinha ficado por um fio, já que havia sido responsável por organizar tudo enquanto a mãe se rendia ao luto.

Mas teria sido bom se Emory estivesse lá. Teria sido bom dividir o peso da dor com ela.

A recepcionista pigarreou, batendo com a caneta no livro de registros, e explicou:

— As regras são as seguintes: você tem direito a trinta minutos na Cripta. Durante esse tempo, você pode dar uma olhada no que quiser, mas não pode retirar nenhum livro além do que consta na sua autorização.

Ela olhou para o papel e ergueu uma sobrancelha ao ler o título no topo: *As Marés do Destino e a Sombra da Destruição: Um estudo teológico sobre a história da magia lunar*, de Hoyaken et al.

Baz resmungou que o livro era para fins de pesquisa, percebendo que o título fazia com que o assunto parecesse um saco. A mitologia das Marés e da Sombra estava integrada no mundo moderno, mas as pessoas tinham deixado de acreditar nela havia muito tempo. Não passava de uma fábula para crianças, uma história de origem para explicar a magia... e o motivo de grande parte do desprezo que se nutria pela Casa Eclipse.

— Seu livro está no corredor H. Tem outro funcionário lá dentro se você precisar de ajuda. E, por último, é estritamente proibido usar magia enquanto estiver na Cripta. — A recepcionista olhou para ele de soslaio. — Mas não acho que isso vai ser um problema.

O bracelete parecia queimar sua pele.

— Alguma pergunta? — acrescentou ela.

Baz olhou para o exemplar de *Canção dos deuses afogados* que a garota havia deixado sobre o balcão. Embora sua razão para entrar na



Cripta fosse a pesquisa da professora Selandyn, a única coisa que Baz desejava ver era o manuscrito original de seu livro favorito, talvez tocar as páginas em que o próprio Cornus Clover escrevera. Para fãs como Baz, já era um privilégio andar pelos corredores de Aldryn sabendo que Clover estudara ali muito tempo atrás, sentar-se nas mesmas salas de aula e frequentar as mesmas bibliotecas tarde da noite. Mas poucos tinham a oportunidade de ver o *manuscrito* de seu livro.

Baz queria ser uma dessas pessoas, mas sentiu-se pressionado pela postura impaciente da recepcionista e balançou a cabeça.

Se tivesse tempo, ele encontraria o manuscrito por conta própria.

Com uma chave de aspecto incomum, a recepcionista destrancou a porta prateada, que se moveu para a frente e depois deslizou para a esquerda, rangendo no chão de pedra. Uma luz difusa veio de dentro da Cripta. De repente, a garota se posicionou diante da passagem, bloqueando o caminho, e perguntou:

— Você é o irmão da Romie, não é? O Cronomago?

Baz ficou atônito diante da maneira familiar como ela dissera o nome da irmã e tentou não estremecer ao ouvir aquele maldito título, *Cronomago*, dito com um misto de terror e admiração.

Ele assentiu, sentindo um nó na garganta.

— Ela era uma Sonhadora e tanto — comentou a garota.

Como a recepcionista estava contra a luz, Baz não conseguiu ver a ternura em sua expressão, mas a ouviu com clareza em sua voz.

Isso não era surpresa. Romie tinha sido como um raio de sol e encantava as pessoas sem esforço. Baz admirava a espontaneidade e a desenvoltura com que a irmã se movia, falava e sonhava. Talvez até a invejasse.

Pelas Marés, como ele sentia saudade de Romie.

A recepcionista se afastou e Baz passou pela porta, atraído pela magia dos livros antigos.

— Ah, fica no corredor C — disse ela, se acomodando na cadeira atrás do balcão e pegando o exemplar de *Canção dos deuses afogados* para retomar a leitura. — O manuscrito fica no corredor C.

Então a porta prateada se fechou, como se tivesse vontade própria, e Baz se viu sozinho na Cripta.

Ele seguiu por um corredor estreito de pedra, ladeado por arandelas de bronze rebuscadas, todas acesas com luz mágica permanente, um invento secular dos Guardiões da Luz, da Casa Lua Cheia, que resistiu

ao advento da eletricidade. O corredor parecia infinito até enfim desembocar em uma ampla sala circular, cujas paredes davam para corredores repletos de livros. Baz teve a impressão de estar no centro de um relógio, como se os corredores fossem as marcações que representavam os minutos. As prateleiras altas chegavam até o teto abobadado. No centro, havia uma abertura de onde caía uma cortina de água.

Baz se aproximou do guarda-corpo de mármore no meio da sala. Quase conseguia alcançar a delicada cachoeira, sentia a névoa fria em seu rosto. Ele sabia que a água vinha da Fonte do Destino, que devia estar logo acima. A água caía rumo à escuridão lá embaixo, profunda demais para que ele conseguisse enxergar o chão, se é que havia um.

O garoto finalmente se deu conta de que o tempo estava passando e se dirigiu para o corredor H, onde encontrou com facilidade o exemplar de *As Marés do Destino e a Sombra da Destruição*. Era um dos maiores livros que ele já tinha visto, e seus braços tremeram quando ele tirou o volume pesado da prateleira.

Baz não ousava questionar as pesquisas da professora Selandyn, por mais maçantes, inócuos ou ridículos que os temas pudessem parecer em um primeiro momento. Certa vez, ele a ajudara a compilar uma lista de pântanos pouco conhecidos ao redor do mundo e ficou impressionado com o artigo brilhante da professora sobre os efeitos variados da água salgada e da água doce nas práticas de sangria. E, no ano anterior, quando ela estudara a influência das luas de sangue sobre o acasalamento das geleias-do-pente-sangrento, Baz achou que ela tinha enlouquecido. O prêmio que ela recebeu por essa pesquisa provou que ele estava errado.

A mente de Beatrix Selandyn era elogiada em todos os círculos acadêmicos. Em Aldryn, ela não sofria antagonismo como os demais nascidos no eclipse e era extremamente respeitada. Baz sabia que tinha sorte de ser seu assistente. Ainda assim, não conseguia deixar de se perguntar por que ela decidira estudar um mito no qual a Casa Eclipse era a vilã.

Segundo a mitologia, antes de as Marés desaparecerem, a magia era acessível a todos, independentemente da fase da lua em que nasceram. As pessoas podiam prever o futuro, controlar o crescimento das plantas, produzir luz e trevas, entrar em sonhos e ceifar vidas, desde que fizessem oferendas às Marés. Porém, quando as divindades deixaram os litorais,

elas fragmentaram a magia de acordo com as casas lunares e os alinhamentos das marés. Desde então, os que possuíam magia só podiam praticar a habilidade com a qual haviam nascido.

E, como se acreditava que as Marés tinham abandonado o mundo para destruir a Sombra da Destruição — uma figura sombria e profana associada à Casa Eclipse —, os nascidos no eclipse carregaram a culpa dessas restrições por séculos. As pessoas acreditavam que a magia do eclipse havia sido roubada das Marés e que, portanto, não deveria pertencer aos que a possuíam. Eles eram forasteiros entre os portadores de magia, uma exceção que não se encaixava direito no ciclo lunar sagrado em torno do qual o mundo girava.

Tudo neles era ao contrário.

Enquanto os demais tinham seus sigilos na mão direita, os nascidos no eclipse eram marcados na mão esquerda.

Enquanto as quatro casas lunares principais estavam associadas a uma das Marés, a deles estava ligada à Sombra, a portadora de maus presságios, o grande olho no céu que obscurecia o mundo e concedia a pessoas como Baz poderes estranhos.

E, enquanto a magia das outras casas era possível apenas durante a fase lunar dominante — ou seja, só por alguns dias a cada mês, a menos que fossem acessadas por meio de sangria —, a magia do eclipse podia ser acessada a qualquer momento, independentemente da fase da lua e sem necessidade de oferta de sangue.

Um poder tão perene despertava inveja em alguns, mas, na verdade, era um fardo. Uma maldição. Por isso Baz se dedicava aos livros e ao conhecimento, optando por aprimorar sua mente em vez de testar os limites da sua capacidade de controlar o tempo. Ele sabia que muitos matariam por aquele dom, ainda que pertencesse à Casa Eclipse. Era visto como um poder inigualável, capaz de rivalizar com os deuses e de desfazer a trama da vida. O próprio Baz já pensara em usar seu dom para alterar os acontecimentos que o assombravam — a morte da irmã, o Colapso do pai —, mas nunca teve coragem. O tempo era de natureza frágil e instável, e não seria prudente assumir riscos com a magia do eclipse. Por essa razão, Baz desejava se tornar professor em Aldryn e quis ser assistente da professora Selandyn. Ele vira muitos nascidos no eclipse serem consumidos pelo próprio poder e, como professor, talvez pudesse prevenir que mais pessoas sofressem o Colapso.

Carregando o livro pesado, Baz caminhou de volta para o centro da Cripta, olhando ao redor à procura do corredor mencionado pela garota. Estava apenas a algumas fileiras de distância. Não havia sinal do outro funcionário nem de qualquer pessoa.

Baz não resistiu e se dirigiu ao corredor C.

O manuscrito de *Canção dos deuses afogados* estava exposto em um cavalete delicado e trancado em uma caixa de vidro. Não passavam de páginas amareladas, mas a visão do título desbotado na capa surrada incendiou a alma de Baz. Ele ansiava por sentir o manuscrito em suas mãos, por ler as palavras de Clover como ele originalmente as concebera.

Baz espiou por cima dos ombros. Seria tão errado assim infringir as regras uma só vez? Talvez nunca houvesse outra oportunidade de entrar na Cripta...

Sem pensar muito, ele pousou o livro da professora ao lado da caixa de vidro e soltou o bracelete de prata que trazia no pulso. Seus poderes vibraram em resposta, correndo em suas veias. Antes que pudesse mudar de ideia, ele invocou sua magia cuidadosamente. Foi simples acessar os fios do tempo conectados ao cadeado e selecionar o fio que levava a um momento em que estivera destrancado.

Então, com um clique, a trava do cadeado se soltou. O painel de vidro se abriu com o toque de Baz, e lá estava *Canção dos deuses afogados*, à sua disposição.

O garoto se sentiu como o erudito da história, acessando um livro misterioso que poderia transportá-lo para outros mundos. Ele colocou luvas brancas de algodão próprias para o manuseio de volumes antigos e pegou o livro com reverência, folheando a primeira página.

— Há um mundo no coração de todas as coisas onde deuses afogados reinam sobre um mar de cinzas — leu Baz em voz alta.

Ele prendeu a respiração e aguardou ser transportado para o território sob o céu sem cor sobre o qual lera tantas vezes. Uma parte ingênua de Baz tinha esperança de que isso realmente pudesse acontecer.

Mas portais não existiam, por mais imersivo que um texto fosse. Baz riu de si mesmo.

Então abriu o livro na última página. Ele percebeu que parecia ter sido arrancada: tudo o que restava era uma nesga de papel preso à lombada. É claro que ele já tinha ouvido os boatos sobre um suposto epílo-

go, descartado antes que a história fosse impressa. Kai falava sobre isso o tempo todo, obcecado pelas teorias do que Clover poderia ter escrito.

“Vai ver o livro termina dizendo que tudo não passou de um sonho maluco”, brincava ele. “Ou talvez o erudito tenha passado anos demais inalando poeira de livros velhos e mofados e a história toda seja apenas uma viagem psicodélica.”

Baz revirava os olhos e rebatia:

“Até parece que Clover se prestaria a esse papel.”

“Acho que nunca saberemos, não é?”

Baz continuou a folhear o livro com cuidado, ciente do tempo que passava. Ele pensou em usar sua magia para fazer os minutos durarem um pouco mais, mas quebrar as regras uma única vez já era suficiente. Ele estava prestes a colocar o manuscrito de volta na caixa de vidro quando um papel caiu do meio das páginas e aterrissou a seus pés. Por um momento delirante, Baz achou que podia ser o epílogo perdido, mas era apenas um bilhete. Um papel rasgado com tinta borrada e palavras rabiscadas às pressas. Mas aquela caligrafia...

Ele conhecia aquelas letras curvas, aquele ponto de interrogação exageradamente elaborado.

*O chamado entre as estrelas = DOVERMERE?*

ENCONTRAR EPÍLOGO

O chão pareceu ruir. Ele releu o bilhete várias vezes, sentindo um nó na garganta diante da impossibilidade que tinha em mãos, algo mais delicado e precioso do que o próprio manuscrito.

Baz não tinha dúvidas de que aquela era a letra de Romie.

Ela sublinhara DOVERMERE tantas vezes e com tanta força que era surpreendente a caneta não ter perfurado o papel. A mensagem era interrompida abruptamente, com a última letra de EPÍLOGO se transformando em um longo risco que revelou para Baz que a irmã tinha pressa.

Não fazia sentido. Romie deixara de ligar para aquele livro após a infância e vivia rindo de Baz por gostar tanto de um livro para crianças. Então por que o súbito interesse pelo manuscrito de Clover e pelo epílogo perdido? Como ela tinha conseguido autorização para entrar na Cripta?

Ele deslizou o dedo sobre as palavras de Romie, se perguntando se ela teria entrado ali *sem* autorização, se teria se assustado com alguma coisa ou sido pega no flagra enquanto escrevia aquele bilhete, e por isso o deixara entre as páginas do manuscrito.

Baz sentiu náusea ao se lembrar de uma conversa que tivera com Romie alguns meses antes do afogamento. Antes que as coisas desandassem entre eles.

Os dois tinham voltado para casa durante o Solstício de Inverno e Romie passara a semana inteira assoviando uma melodia de dar nos nervos. Quando Baz finalmente ficara de saco cheio e perguntara que música horrível era aquela, os olhos da irmã brilharam do jeito sonhador que era típico dela.

“É uma música que escuto nos meus sonhos às vezes”, dissera ela, pegando o exemplar surrado de *Canção dos deuses afogados* das mãos de Baz e rindo de sua reação indignada. “Tipo a do seu livrinho.”

Baz bufara.

“Então agora você ouve o divino?”

“Ou talvez seja o guardião tentando me enganar para me levar até o portão”, sussurrara Romie, em um tom conspiratório.

“Não é assim que... O guardião não *engana* ninguém.”

“Ele literalmente sabia sobre a armadilha dos deuses afogados e mesmo assim decidiu desenhar um mapa até a porta deles. Não é uma atitude muito honesta.”

Ela não estava *totalmente* errada. Na história, o jovem guardião do quarto reino guiava os heróis até o portão do mar de cinzas para que libertassem os deuses afogados... e ficassem presos em seu lugar. Por mais que os deuses fossem os compositores daquela orquestra maligna, o guardião tinha sido o instrumento perfeito para executar aquela melodia. Ele se dispusera a fazer as vontades dos deuses porque achava que era mais esperto do que eles e que conseguiria escapar do destino sombrio que aguardava a ele e a seus companheiros. Mas era impossível derrotar os deuses e, no final, sua ingenuidade acabou por condenar o guardião e os demais heróis.

Romie tinha cantarolado novamente aquela melodia enlouquecedora, enquanto folheava as páginas ilustradas do livro, e perguntado:

“Dá vontade de segui-la, não dá?”

E se ela tivesse feito exatamente isso?

Um som metálico fez Baz dar um pulo. Ele ouviu passos e uma voz aguda ao longe. Sentiu um calafrio ao perceber que seu tempo estava acabando.

Ele não era mais bem-vindo ali.



Baz enfiou o bilhete no bolso antes de trancar o manuscrito, descartar as luvas brancas e prender o bracelete no pulso outra vez. Colocou o livro pesado debaixo do braço e voltou correndo para o centro da Cripta, onde viu uma silhueta desaparecendo pelo corredor H. Com certeza era o funcionário indo dizer a ele que seus trinta minutos já tinham acabado.

Sentindo o estômago se revirar, Baz se apressou até a saída da Cripta. De volta à recepção, a garota olhou para ele por cima do livro que estava lendo, alheia às batidas aceleradas do coração do garoto.

— Encontrou o que queria? — perguntou ela.

Baz assentiu distraidamente, entregando o bracelete e o calhamaço para que ela anotasse a data de retirada no cartão dentro da capa. Depois ele agradeceu e foi embora, carregando o peso do livro recém-obtido, dos livros que já estavam com ele e de todas as perguntas para as quais não tinha resposta.

“Ela era uma Sonhadora e tanto”, dissera a recepcionista sobre Romie.

E ela era mesmo. Tinha sido. Não apenas no seu alinhamento de maré — uma Sonhadora da Casa Lua Minguante, capaz de entrar nos sonhos das pessoas com a mesma facilidade com que entrava em seus corações —, mas uma sonhadora em todos os sentidos da palavra: ousada, passional e mais brilhante do que qualquer estrela no céu.

Romie era a antítese da existência contida de Baz. Ela nunca conseguira entender o quanto ele gostava de simplesmente ficar em silêncio lendo um livro, nem por que ele queria continuar em Aldryn depois de terminar a graduação. Ela se rebelava contra pequenas aspirações e queria viver tudo que fosse possível em Aldryn antes de partir para explorar o mundo e encontrar seu lugar nele. Romie nunca o perdoara por não sonhar tão alto quanto ela.

“A vida real não acontece nos livros, Baz”, criticava ela.

Mas os livros permitiam que Baz sonhasse sem medo de cair.

Porque este era o problema: os que sonhavam grande e voavam alto demais acabavam caindo. E se Romie tivesse ido atrás de algo que estava além de sua compreensão? E se suas ideias mirabolantes a tivessem levado para Dovernere e para a morte que a aguardava na caverna?

Havia uma pessoa que talvez soubesse as respostas. Alguém que conhecia Romie melhor do que Baz.

Talvez Emory estivesse sendo assombrada por algo maior do que o luto.

## MORTES MISTERIOSAS, SOCIEDADES SECRETAS E UM PODER INIMAGINÁVEL: *MAGIA DAS MARÉS* É A FANTASIA *DARK ACADEMIA* DO MOMENTO

Em um universo em que poderes mágicos são determinados pelas fases da lua, Emory Ainsleif nunca foi especial. Ao contrário da melhor amiga, Romie, a jovem nunca chamou a atenção na prestigiada Academia Aldryn. Ainda assim, ela foi a única sobrevivente de um estranho ritual.

Meses antes, nas cavernas perto da faculdade, Romie e outros sete estudantes perderam a vida, afogados por uma maré traiçoeira. Emory, por sua vez, ganhou uma misteriosa marca no pulso e uma magia mais sombria, poderosa e perigosa do que qualquer outra.

Devastada pelo luto, a garota está determinada a descobrir a verdade. Para isso, ela precisa aprender a controlar sua nova magia, e pede a ajuda de Baz, irmão de Romie, um jovem atormentado e recluso que conhece muito bem as consequências fatais das magias sombrias.

Pouco a pouco, Emory começa a desfiar a teia de mistérios que cercam a morte da melhor amiga. Quando seu caminho cruza com o de Keiran, um veterano com sede de poder, ela faz descobertas chocantes sobre uma sociedade secreta, um livro com um epílogo perdido e uma canção que parece atrair pessoas para as profundezas do oceano.

Sem saber em quem confiar, Emory tem uma suspeita cada vez maior de que precisará voltar para as cavernas onde tudo começou... e das quais talvez não consiga escapar outra vez.

Com cenários deslumbrantes e personagens magnéticos, *Magia das marés* é a estreia na literatura de Pascale Lacelle. Uma história sobre luto, amizade, amor e o poder implacável e frágil do destino.

### SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/magia-das-mares/>